

SARTRE, Jean-Paul. Furacão sobre Cuba. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1986.

Resenhado por Marielli Bittencourt¹

O livro “Furacão sobre Cuba” foi produzido no Brasil a partir da compilação dos artigos escritos por Jean-Paul Sartre em Cuba, em 1960, ao jornal France-Soir. Sua primeira edição foi publicada em 1961 durante a passagem do autor no Brasil e contou com artigos, em apêndice, dos intelectuais brasileiros Fernando Sabino e Rubem Braga. Sartre foi um filósofo, escritor e crítico nascido na França, em 1905. O filósofo teve destaque dentro do existencialismo, uma das mais importantes correntes do pensamento francês. Ao longo de sua trajetória, foi militante, apoiou as causas políticas de esquerda e fez parte do Partido Comunista Francês, com o qual rompeu quatro anos depois de seu ingresso.

A Revolução Cubana estava ainda em seu início quando Sartre, a convite de Fidel Castro, visitou o país durante um mês, juntamente de sua companheira Simone de Beauvoir. Em ocasião de sua visita, o escritor francês teve a oportunidade de ver o passado e o futuro da ilha lado a lado. Ou seja, era ainda possível ver os resultados dos anos de dominação semi-colonial dos Estados Unidos sobre Cuba, bem como as mudanças já colocadas em prática pelo governo revolucionário. Uma das questões a ser ressaltada sobre esta obra, além de ter sido escrita por um

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa em Cultura Política, Estado e Relações Internacionais (CESPRI) e do World Values Survey Brasil (WVS Brasil).

francês, é o fato de ele aventurar-se a descobrir o que se passava em Cuba naquele período, haja vista a precocidade dos eventos. O mundo, em plena Guerra Fria era curioso sobre o teor da Revolução que acontecia no arquipélago caribenho, visto que à época o caráter socialista da Revolução ainda não havia sido anunciado.

Ao tratar-se de um conjunto de reportagens escritas para o público francês, as quais unidas compõem os quinze capítulos do livro, a linguagem utilizada por Sartre possui um teor mais jornalístico, diferenciando-se de livros que buscam fazer uma abordagem histórica. Ademais, a escrita do autor se deu ainda em Cuba sob o fervor revolucionário, não possuindo o benefício do tempo ao escrever esse livro. Muitos dos acontecimentos que marcaram a história de Cuba ainda não haviam acontecido: a invasão estadunidense à Baía dos Porcos, a imposição do embargo, e a expulsão de Cuba da Organização dos Estados Americanos (OEA). Porém, essas questões não ficaram longe da análise do autor, tendo inclusive antecipado alguns desses fatos ao longo do livro. Na própria nota feita por Sartre aos leitores brasileiros, ele salienta que sua obra - depoimento, como por ele referido – possui deficiências, as quais podem ser atribuídas pela falta do distanciamento entre autor e objeto. De fato, o resultado seria outro se Sartre houvesse escrito esse livro fora de Cuba e após ter refletido sobre sua passagem pelo país; contudo, não era esse seu objetivo.

Nos dois primeiros capítulos é feito um retrato do início da Revolução a partir da experiência de Sartre em Cuba, na qual ele une seu depoimento ao seu conhecimento sobre a história do país. Com isso, retoma-se o período pré-Revolução e o início do processo revolucionário. É sempre importante lembrar que Sartre escreve aos franceses, fazendo-se necessária essa retomada histórica a fim de contextualizar a situação cubana aos seus interlocutores. Nesse ponto é interessante perceber a diferença da linguagem do autor ao narrar questões já consolidadas da história cubana, que difere-se de sua narração sobre o que é novo e está sendo presenciado por Sartre em sua visita a Cuba. Ademais, ao falar sobre o período que antecede a Revolução é que Sartre realiza sua analogia com um furacão, o qual seria o próprio descontentamento popular em relação ao governo ditatorial de Fulgencio Batista e aos malefícios causados por ele.

Os três capítulos seguintes são despendidos para falar da função do açúcar dentro da sociedade cubana. Assim, o autor fala sobre como Cuba sempre esteve presa à cultura do açúcar e também a outros países, ora à Espanha, ora aos Estados Unidos. A estes dois países interessava que Cuba somente produzisse açúcar através de seus latifúndios, mantendo-se dependente deles para outros produtos. Igualmente, o analfabetismo desempenhava uma função dentro do sistema semi-colonial, que era de manter a população cubana na ignorância. Em 1959, quase metade da população de Cuba era analfabeta e, não a toa, Fidel Castro instituiu como objetivo a erradicação do analfabetismo em 1961.

Em seguida, Sartre também dedicou-se a falar sobre o papel dos camponeses na Revolução Cubana. Assim, a partir de sua narrativa fica claro o desejo que a Revolução fosse por, com e para o povo. Ainda que a Revolução tenha se iniciado na área urbana – haja vista a formação universitária de seus líderes – ela foi levada para o campo, sendo sua vitória garantida, em grande parte, pela aderência dos camponeses. Foi essa consciência que fez da Reforma Agrária – retratada no capítulo IX – ser a primeira grande medida tomada pelo governo revolucionário, que nas palavras de Sartre significava a destruição do antigo regime e a construção do novo. Ademais, o autor traz como a medida foi vista e explicada pelos camponeses, o que ilustra o interesse do governo para que suas ações sejam compreendidas, justificando, mais uma vez, a futura campanha de alfabetização.

Um dos diferenciais dessa narrativa é a visão dos bastidores da Revolução, sobretudo o receio causado pelas incertezas sobre seu futuro, que é abordado pelo autor nos capítulos XII e XIII. Entretanto, uma certeza era a consolidação da união cubana como objetivo. Para tanto, a Constituição de 1940 é posta novamente em vigor. Ainda que os rebeldes – como mesmo intitulados – tenham libertado a população, ela não tinha segurança em relação a eles e, por essa razão, trazer a Constituição de 1940 constituía-se em uma ferramenta de confiança entre os rebeldes e a população. Após anos de ingerência externa, a verdadeira liberdade só viria através da união nacional, unidade essa que se daria através da Revolução – e que mais tarde seria garantida pelo Partido Comunista de Cuba, como consta na atual Constituição cubana.

Ademais, Sartre aborda na seção X a visão dos Estados Unidos em relação aos acontecimentos em Cuba. Segundo eles, a falta de eleições só significa uma coisa: ditadura. A retomada da Constituição de 1940 e a falta de instituições políticas são outros pontos que incomodam a seus vizinhos, aos quais não veem com bons olhos o governo instaurado em Cuba. Desse modo, Sartre é certo ao dizer que o principal perigo à Revolução é externo.

Além disso, Sartre produz um relato ao longo do capítulo seguinte acerca da juventude revolucionária que contrasta com a realidade cubana atual, em que esses mesmos jovens vistos pelo francês estão envelhecidos ou já mortos, como o próprio Fidel Castro, e dão espaço para novas lideranças, causando uma natural mudança geracional no sistema político cubano. Foi através da convivência desses jovens que Sartre pode sentir a tensão que a jovem Revolução trazia, temerosos do que poderia vir de dentro e, principalmente, de fora. Sartre estava em Havana quando o *La Coubre* – um navio belga que trazia um carregamento de armas – explodiu, podendo presenciar, de fato, a angústia que se vivia dia a dia em Cuba. Assim, ainda que brevemente, na parte seguinte do livro, Sartre discorre sobre o Exército Rebelde.

Por fim, Sartre dedica os três últimos capítulos a falar sobre sua experiência direta com Fidel Castro. Nesta parte, com o caráter ainda mais jornalístico, é possível ver a relação de Castro com a população e também ter uma percepção mais íntima do chefe de governo cubano. Sartre e Beauvoir acompanharam Fidel em algumas visitas aos arredores de Havana, tendo a oportunidade de ver o revolucionário trabalhando e lidando com os desejos e dúvidas do povo em Cuba.

No momento da escrita desse livro – ou coleção de artigos – a Revolução Cubana tinha pouco mais de um ano e muitas dúvidas ainda pairavam sobre ela, não só da comunidade internacional, como também internamente. Sartre logrou fazer uma narrativa que trouxesse ao mundo o que acontecia no país quase que de forma simultânea – levando em consideração às limitações da época –, analisando os acontecimentos e produzindo cenários com base naquilo que pode presenciar durante o mês que esteve em Cuba. Por essa razão, esta obra merece destaque, uma vez que trata de um fato tão importante do século XX com naturalidade e rapidez.